

Juliana Mendes Martins Maia

Graduação em Pedagogia – UNISUAM

Liziane Gomes da Silveira Tota Garcia

Graduação em Pedagogia – UNISUAM

Fernando Torres de Andrade

Mestre e Professor – UNISUAM

Renata de Oliveira Batista Rodrigues

Doutora e Professora – UNISUAM

RESUMO

Nesta pesquisa procura-se compreender a relação e o que difere a educação formal com educação não formal. Discorreu a respeito de educação em espaços não escolares e se aprofundou no estudo da história da dança no Brasil e no mundo, seus benefícios para a saúde e sobre as contribuições que as atividades de dança ofertadas em ambientes não formais de educação têm contribuído significativamente no rendimento escolar de crianças e adolescentes. Chegou-se à conclusão da importância da dança como ferramenta de estímulo e desenvolvimento físico, cognitivo e social de quem estuda e faz uso dessa prática. Para tanto, foram analisados de maneira descritiva artigos acadêmicos e livros de autores que expressam acerca do tema proposto nesse trabalho de conclusão de curso.

Palavras-chave: educação; espaços não escolares; dança.

INTRODUÇÃO

O processo de ensino aprendizagem transcende para além dos limites das instituições escolares de ensino formal. Essa afirmação vem tomando força em diferentes seguimentos da sociedade como OSC (Organização da Sociedade Civil), espaços religiosos, setores de trabalho, entre outros.

A educação não formal tem gerado resultados significativos na vida de crianças e adolescentes. A participação em atividades ou a simples inativa no meio em que está inserido contribui para o desenvolvimento do conhecimento e para o exercício da cidadania. De acordo com Gohn (2010, p.19) “sua finalidade é de abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo.”

Como educadores precisamos expandir nossos horizontes ao que se refere às práticas educativas e compreender que a educação pode ser ministrada em diversos lugares. Pois existe um sentimento, pelo menos na maioria de nós, que é o de fazer a diferença na vida daqueles a quem nos é dado a missão de ensinar, de transformar o cotidiano das pessoas através da instrução, do conhecimento e da socialização. É com esse sentimento que nos aprofundamos na pesquisa de produção de novos saberes, propondo um novo olhar para a educação em espaços não escolares.

Faz-se necessário um estudo intensificado sobre sua contribuição aos novos educadores, para que seja propagado aos próximos a partir de então, e assim começar a usufruir os seus benefícios. Cada indivíduo é único e recebe informações e estímulos de forma única. A Educação não formal não objetiva competir com a Educação formal, mas unir forças para uma aprendizagem efetiva.

O objetivo deste trabalho é discorrer sobre a educação em espaços não escolares e analisar como as artes, especificamente a dança, têm contribuído para o aprendizado de crianças e adolescentes nesses ambientes.

Iniciamos o projeto contextualizando sobre Educação não formal, suas atribuições, a diferença entre educação formal e qual a contribuição da dança dentro desse contexto tendo como base os autores (DAYRELL, 2007) e (FREIRE, 1997). Em seguida, abordamos sobre a dança em relação ao seu conceito e nos benefícios com o estudo e prática dessa arte embasado em (SZUSTER, 2006) e (GOH, 2010).

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação transcende os muros da escola

A Educação não formal surgiu nos meados dos anos 50, contudo foi na Conferência sobre a Crise Mundial de Educação que ela foi oficializada com o objetivo de resolver os problemas da educação formal numa sociedade em constante transformação e desenvolvimento. Segundo Cendales e Mariño (2006, p.12) “a década de 1960, um documento da UNESCO chamado “a crise mundial da educação “distinguiu educação informal, educação formal e educação não formal”.

Passados 53 anos da oficialização da Educação não formal, ainda hoje essa modalidade compete por seu reconhecimento, revelando a necessidade que alguns educadores têm de compreenderem seu real papel na sociedade e de pensar em educação de maneira ampla e contextualizada.

Por isso, a educação que se realiza dentro da escola e a que se realiza fora dela relacionam-se entre si. Algumas vezes se completam, outras se contradizem e em outras a educação não formal cumpre uma função compensatória ou se torna a única possibilidade para quem por razões de exclusão, não tem acesso a escolaridade mínima. (CENDALES E MARIÑO, 2006, p.12).

Por ser um termo relativamente novo, se comparados a outros conceitos e teorias, e devido ao preconceito ainda latente de se pensar em educação como um conteúdo programado e institucionalizado, a Educação não formal se encontra pouco utilizada em toda sua potencialidade.

A Educação Formal, tem por finalidade lecionar sobre o ensino de forma específica seguindo regras e leis estabelecidas pelo Ministério da Educação.

Entretanto, as normas são instituídas, mas nem sempre segue de fato a vivência do aluno, fazendo com que muitas escolas passem a ter número alto de evasão escolar.

A estrutura da escola pública, incluindo a própria infraestrutura oferecida, e os projetos político-pedagógicos ainda dominantes em grande parte das escolas não respondem aos desafios que estão postos para a educação despargida da juventude. Se a escola se abriu para receber um novo público, ela ainda não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de criar pontos de diálogo com os sujeitos e sua realidade. (DAYRELL, 2007, p. 116).

O autor dá ênfase na falta de estrutura na maioria das escolas públicas em relação a falta de materiais necessários para o transmitir um ensino de qualidade. Existem locais de ensino que estão em situação precária, sem uma manutenção adequada, salas sem condições para receber estudantes e educadores, muitas unidades estão inseridas em localidade de risco, e com isso enfrentam desafios em se manterem de portas abertas.

A escola formal tem por objetivo, formar cidadãos, capazes para enfrentar realidade em que se está situada. A realidade e os trajetos a serem percorridos para que aprendizagem seja significativa requer tempo e qualidade, esforço e paciência, dedicação de ambas as partes.

Uma grande responsabilidade, que são divididas por etapas educacionais, métodos a serem analisados, atualizados e contextualizados, de modo a desmistificar assuntos importantes e fundamentais na atualidade.

Podemos também observar que a desigualdade social tem sido uns fatores para o avanço no crescimento de comunidades carentes, no qual, tem se observado cada vez mais que crianças e jovens deixam de ir às escolas para se dedicarem em trabalhos que possibilitem ajudar financeiramente suas famílias que precisam sobreviver. Segundo Dore e Lüscher (2001, p. 775) “Várias situações corroboram para a retenção e repetência do aluno na escola: a saída do aluno da instituição e do sistema de ensino, a não conclusão de um determinado nível de escolaridade, o abandono da escola e o posterior retorno”.

A falta de escolaridade implica e qualidade de vida, diversas dificuldades são encontradas dentro das escolas regulares e devido a esse cenário são criados espaços de ensino não formais a fim de trazer uma nova perspectiva para crianças e jovens, que buscam melhorar suas vidas. Esses espaços atualmente são chamados de espaços não escolares, que hoje

estão espalhados em diversos locais e buscam não só passar o ensino, mas a formar cidadãos que tenham ciência de seus direitos e deveres.

O não-formal tem sido uma categoria utilizada com bastante frequência na área de educação para situar atividades e experiências diversas, distintas das atividades e experiências que ocorrem nas escolas, por sua vez classificadas como formais e muitas vezes a elas referidas. Na verdade, desde há muito tempo classificava-se como extraescolares atividades que ocorriam à margem das escolas, mas que reforçavam a aprendizagem escolar, nas bibliotecas, no cinema, no esporte, na arte (FAVERO, 2007, p.614).

É possível ressaltar a importância da educação não formal, pois o ensino adquirido possibilita transformar realidade de vidas. Sendo assim, esses espaços não escolares cativam jovens e crianças e facilitam a forma de comunicação entre o ensino formal que é voltado a sala de aula. Os projetos sociais são importantes pois contribuem para o equilíbrio na sociedade, que auxiliam no desenvolvimento físico e mental do indivíduo, a fim, de capacitar para um futuro saudável.

A tarefa educativa das Cidades se realiza também através do tratamento de sua memória e sua memória não apenas guarda, mas reproduz, estende, comunica-se às gerações que chegam. Seus museus, seus centros de cultura, de arte são a alma viva do ímpeto criador, dos sinais da aventura do espírito (FREIRE, 1997, p.24).

Atualmente o ensino possui um grande número de etapas, entanto, Paulo Freire, enfatiza sobre a importância de os espaços educacionais não formais, ressaltando a relevância de não só guardar, mas compreender a devida relevância sobre a educação e o que falta dela pode acarretar. A implementação de um projeto é sempre desafiadora, pois busca fazer algum sentido na vida do indivíduo, sendo assim, muitos projetos dão a oportunidade a criança e jovens a se desenvolverem, seja na cultura, na dança, no esporte e até mesmo na tecnologia.

A dança como ferramenta para educação em espaços não escolares

A dança como forma de linguagem artística ou não, utiliza o corpo como instrumento de comunicação. Geralmente essa expressão vem acompanhada por música, entretanto, podemos ver algumas formas de manifestação corporal sem o auxílio musical. Contextualizar a dança é, sem dúvida, um caminho para melhor entendê-la e apreciá-la de maneira crítica, além de lidar mais conscientemente com os seus benefícios.

Ela surgiu nos primórdios da história, nasceu da necessidade do homem de se comunicar com a natureza e de expressar suas emoções. Portinari (1989) escreveu:

A mais antiga imagem da dança data do Mesolítico (cerca de 8300 A. C). Foi descoberta na caverna de Cogul, que fica na província de Lérida, na Espanha. Mostra nove mulheres em torno de um homem despido, indicando um ritual de fertilidade (PORTINARI, 1989, p. 17).

Assim como Boucier (2006) também descreve acerca de um dado diferente sobre o mesmo assunto:

Numa parede da gruta de Gabillou (perto de Mussidan, na Dordonha), está representado o ancestral dos dançarinos: a silhueta gravada de um personagem visto de perfil, de cerca de trinta centímetros de altura. A cabeça e o corpo estão cobertos por pele de bisão. As pernas, sem qualquer dúvida humana, indicam uma espécie de salto no lugar. O ângulo do torso das pernas é de vinte cinco a trinta graus (BOURCIER, 2006, p. 05).

O homem primitivo dançava para agradecer a colheita, para pedir chuva, fazia festa do Sol, da Lua, a dança da fertilidade, do nascimento, da morte, enfim a dança estava presente em todos os momentos da vida humana: desde o nascimento, passando pela iniciação de adolescentes, pelas guerras e vitórias até a morte.

A partir desse conceito podemos considerar a dança como uma expressão que representa diversos aspectos da vida humana, como linguagem social e cultural de diferentes povos. Em textos históricos bíblicos encontramos relatos de manifestações com danças.

Davi, vestindo o colete sacerdotal de linho, foi dançando com todas as suas forças perante o Senhor, enquanto ele e todos os israelitas levavam a arca do Senhor ao som de gritos de alegria e de trombetas (BÍBLIA SAGRADA, 2006, p. 342, 2 Samuel 6:14-15).

O povo Hebreu realizava cultos de gratidão a Deus através de festas religiosas onde dançavam e cantavam para expressar sua devoção.

A arqueologia, maravilhosa ciência que tanto esclareceu e continua a esclarecer sobre o nosso passado próximo ou longínquo, ao traduzir a escrita de povos hoje desaparecidos, não deixa de indicar a existência da dança como parte integrante de cerimônias religiosas, parecendo correto afirmar-se que a dança nasceu da religião, se é que não nasceu junto com ela. (FARO, 1986, p. 13).

A dança para os gregos era considerada uma atividade que deveria ser praticada por meninos desde a infância preparando o corpo para guerra quando se tornassem adultos.

De acordo com Atheneu, eles tinham uma lei, que os compeliavam a exercitar todas as crianças do sexo masculino acima de 5 anos de idade, na Dança Gymnopedica. Isto era usado para prepará-los e fortalecê-los para a guerra ou para a dança pírrica, um exercício do tipo mais ativo, descrevendo a arte de ataque e

defesa, na qual eles dançavam com seus braços. A Dança era considerada tão indispensável para a educação em toda a Grécia, que Sócrates, tão conhecido por sua sabedoria e valor, não desdenhou a aquisição desta competência pelas instruções de Aspásia, de Mileto, que se estabeleceu em Atenas durante a administração de Péricles (THÉLEUR, 2017, p.163).

Por um período da história, a dança foi conceituada como pecaminosa por parte dos religiosos do início do século IV perdendo a sua importância durante o período da Idade Média. Podemos ver isso em um decreto feito pelo Papa Zacarias no ano de 774 que dizia: "contra os movimentos indecentes da dança ou carola".

Somente no século XV que ela ressurgiu com o ballet nas festas da corte durante o Renascimento.

Dança foi reavivada no século XV, em um magnífico espetáculo promovido por um nobre de Lombardi, em Tortona, em ocasião do casamento de Gáleas, duque de Milão, e Isabella de Aragão; seu reinado foi, porém, de curta duração. A dança foi reavivada também na França, durante o reinado de Francisco I, mas foi apenas durante o reinado de Luiz XIV que a arte foi fervorosamente encorajada (THÉLEUR, 2017, p.164).

Passados os anos, foram criados novos movimentos como a dança moderna e a bailarina Isadora Duncan se destaca nessa modalidade na segunda metade do século XIX. Nomes como o de Martha Graham e Nijinski também fizeram a diferença nessa época. Já nos anos 80 vimos a ascensão da dança contemporânea que veio para desconstruir todo o clássico do ballet das cortes imperiais, sendo uma dança caracterizada como uma expressão livre de regras, permitindo ao bailarino infinitas possibilidades de movimentos. Segundo Strazzacappa (2016, p.232) "A dança moderna surgiu, na verdade, como realização dos ideais do movimento romântico. Indispôs-se de modo positivo contra a artificialidade do balé clássico". Nos dias atuais surgiram diversas modalidades de dança em todo o mundo, cada uma delas com características próprias de seus países de origem. No Brasil é comum encontrar danças infundidas com a cultura de outros povos devido ao seu processo de colonização. A pluralidade cultural existente em nosso território nacional contribuiu para criações artísticas como danças urbanas, folclóricas, danças de salão, danças com matrizes africanas, entre outras.

Entretanto, o que faz essa arte ser tão apreciada além da sua capacidade de expressão e o porquê ela está inserida em diferentes contextos da sociedade? A dança como atividade física é uma alternativa muito eficaz contra o sedentarismo, depressão, problemas cardíacos, melhora a coordenação motora, otimização do condicionamento físico. Segundo Szuster (2011, p.29) "a dança enquanto atividade física tem muitos benefícios, melhora elasticidade muscular, melhora movimentos articulares, diminui o risco de doenças cardiovasculares, problemas no aparelho locomotor e sedentarismo, reduzindo o índice depressão".

Os benefícios da dança para o desenvolvido cognitivo também são de extrema relevância. Szuster afirma ainda que:

Faz parte do universo da dança promover melhorias ao organismo do indivíduo harmoniosamente, respeitando as suas emoções e seus estados fisiológicos, desenvolvendo habilidades motoras, autoconhecimento e ainda atuando como fator de prevenção como no combate a situações estressantes (SZUSTER, 2006, p. 28).

Pela perspectiva da saúde, a dança como arte de movimentação trabalha diversos fatores do corpo físico e cognitivo trazendo melhorias e um bem-estar de vida. Abordando os contextos em que ela está inserida no nosso cotidiano, podemos citar os ambientes não escolares onde ela ganha força por suas características de desenvolvimento cultural e artístico também por seus benefícios para saúde física e mental já citados acima.

Existem espaços que ofertam aulas de dança como atividade social para crianças, jovens, adultos e até mesmo pessoas da terceira idade e os resultados que essas aulas proporcionam são extremamente significativos.

Frequentemente, projetos sociais incluem a dança em seus programas, mas não necessariamente a compreendem como forma de linguagem e conhecimento em si. A dança torna-se passagem, atividade meio para se alcançar algum objetivo mais pragmático e mais funcional (MARQUES, 2010, p. 142 apud VASCONCELLOS, 2014, p. 30).

Mesmo em ambientes não escolares é preciso que as aulas de dança sejam ministradas por profissionais qualificados, pois compreende-se essa atividade como prática educacional.

Professores com formação superior seriam até dispensáveis, caso a dança fosse somente um conjunto de repertórios prontos como os da mídia ou as danças populares. No entanto, o estudo, a compreensão da dança-corporal e intelectualmente vão muito além do ato de dançar (MARQUES, 2012, p.21).

O trabalho com a dança em suas diferentes modalidades tem sido realizado por professores cada vez mais habilitados. A dança tem sido uma prática utilizada em ambientes não escolares como parques, centro esportivos, ONGS, espaços religiosos, entre outros com o intuito de contribuir para a formação sociocultural e física de seus alunos, promovendo educação. Segundo (GOHN, 2015, p.7) “O universo das artes é um dos grandes campos de desenvolvimentos da educação não formal, quer se trate de projetos desenvolvidos por grupos ou por programas individuais de aprendizagem”.

A dança como outras expressões artísticas são trabalhados em ambientes não escolares com o objetivo educativo e também como forma de expressar a identidade cultural de um grupo. Gohn descreve:

A dança é a grande expressão cultural de um povo, comunidade região ou país. Ela pode resultar de um hibridismo, em que se mesclam as culturas resinificadas (originárias clássico-modernas ou contemporâneas) nas quais movimentos do corpo, vestimentas e adornos compõem a identidade cultural de um grupo, nação ou território. Esse processo se faz via aprendizagem não formal. Em todos esses campos a educação não formal está presente (GOHN, 2015, p.8).

Abordar sobre dança e sobre ambientes não escolares de educação é uma tarefa ampla e possuem educadores que apoiam sua prática como ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento que se mostra relevante para o ensino escolar. Ainda segundo Gohn, (2015, p.9):

Entendemos a educação não formal como aquela voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, homens e mulheres. Em hipótese nenhuma ela substitui ou compete com a educação formal escolar. Poderá ajudar na complementação da última (GOHN, 2015 p.9).

Concluimos que as educações não formais e regulares podem ser aliadas no processo educativo. Vimos também que atividades com dança geram diversos benefícios físicos e cognitivos. E por fim, vimos que através de movimentos artísticos como a dança a educação não formal está presente na sua totalidade.

METODOLOGIA DO ESTUDO

Em nosso trabalho utilizamos a abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

E discorreremos a pesquisa através da revisão bibliográfica que de acordo com Gil (2007, p. 44), os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema.

Segundo Marconi e Lakatos (2007, p. 17), a metodologia nasce da concepção sobre o que pode ser realizado e a partir da “tomada de decisão fundamenta-se naquilo que se afigura como lógico, racional, eficiente e eficaz”.

Para discutir educação não formal utilizamos como base os autores Freire (1997), Goh (2016), Deyrell (2007), Cendales e Mariño (2006), Fávero (2007) e Dore e Lüscher (2001). Já para abordar a dança utilizamos os autores Goh (2015), Katz (1994), Portinari (1985), Théuler (2017), Boucier (2006), Marques (2012), Strazzacappa (2016), Suzster (2011), Faro (1986) e Bíblia (2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como alunas da área de educação, realizamos a pesquisa mediante algumas curiosidades sobre a dança ofertada em ambientes não escolares. A justificativa teórica ressaltou sobre a relevância da arte da dança e o valor educação popular, que tem influenciado de maneira positiva a sociedade, por trazer benefícios a saúde, desenvolvimento cognitivo e estímulo da criatividade dos indivíduos que às utilizam.

A prática da dança representa uma atividade que permite avanços corporais, em relação à postura, à coordenação motora e outras. Esses conceitos apresentados ao longo da dissertação, são fundamentações referente a história da arte por meio da expressão corporal, que atualmente estão inseridos em espaços sociais, e fazem menção a dança como relações interpessoais.

Sendo assim, realçamos a relevância acadêmica dessa monografia para expansão das investigações sobre dança e educação, de preferência, quanto a pesquisa da aprendizagem em lugares educativos não escolares. O trabalho teve a perspectiva de nos manter estimuladas para compreender e buscar o conhecimento da dança a fim de identificar a relação com a educação de maneira mais completa. Com isso concluímos que a dança é uma prática antiga, e a educação em ambiente não escolares é um tanto quanto novo se comparado a essa atividade. Concluímos também que existem lugares que oferecem aulas de dança através de atendimento social enriquecendo o conhecimento de mundo dos indivíduos que as recebem trazendo benefícios físicos e cognitivos que refletem direta e indiretamente no rendimento escolar.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE ESTUDO NTLH. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. 1972 p.

CENDALES, L.; MARIÑO, G. Educação Não-formal e Educação Popular: Por uma pedagogia do diálogo Cultural. Tradução de Thiago Gambi. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

DAYRELL, J.T.; LEÃO, G.; BATISTA, J. Juventude, pobreza e ações socioeducativas no Brasil. São Paulo: Global, 2007

DORE, R. LÜSCHER, A. **Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais.** Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000300007>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

FARO, J.A. **Pequena História da Dança.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1986.

FÁVERO, O. **Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos.** *Imagens & Palavras • Educ. Soc.* 28 (99) • Ago 2007 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000200017>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 33° ed. São Paulo: Ed Paz e terra, 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOHN, M. G. M. **Educação não formal e o educador social.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2016.

GOHN, M. G. M. **Educação Não Formal no Campo das Artes (Org.).** 1° ed. São Paulo, Ed Cortez, 2015

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

KATZ, H. **Um, dois, três: a dança é o pensamento do corpo.** 1994. 199 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21162>>. Acesso em: 18 de nov. 2021.

LAKATOS, E M e MARCONI, M. **Metodologia científica – 7. ed. –** São Paulo: Atlas, 2017.

MARQUES, I. **Interações: Crianças, dança e escola.** 1° ed. Blucher, 2012.

PORTINARI, M. **História da Dança.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

STRAZZACAPPA, M. A **Dança Moderna. Proposições,** Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 229–259, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643579>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SZUSTER. Estudo **qualitativo sobre a dança como atividade física em mulheres acima 50 anos.69 f.** (Monografia de Bacharel em Educação Física) Porto Alegre - RS.2011. Disponível em: <www.lume.ufrgs.br/distraem/handle>. Acesso em: 02 out. 2021.

THÉLEUR, E. A., & dos Santos. **CARTAS SOBRE A DANÇA, REDUZINDO ESSE ELEGANTE E AGRADÁVEL EXERCÍCIO A SIMPLES PRINCÍPIOS CIENTÍFICOS CARTA I**, M.G. (2017) (1832). Rth |, 18(2), 153–165. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/50916>>. Acesso em 17 nov. 2021.